

## *resenha escolhida – 2º lugar*

Pseudônimo: Leandro Oliveira

### *Diário do último ano: diário?*

**Denis Leandro Francisco**

*Graduando em Letras*

Um diário íntimo no qual não se narram intimidades. Um relato do cotidiano no qual não se vêem as imagens costumeiras da cotidianidade da vida. O diário da autora portuguesa Florbela Espanca pode frustrar aqueles leitores mais ingênuos e sedentos por conhecer episódios da vida alheia, mas certamente satisfará àqueles que se interessam por Literatura. Para aqueles que, por uma espécie de curiosidade voyeurística, buscam conhecer mais da vida íntima da autora, seus segredos, seus desejos, suas ações habituais, seus ritos matinais, de quase nada lhes valerá ler o seu diário. Curioso diário. Nele não há uma reflexão sobre a vida nem tampouco uma dimensão de exemplaridade, como é próprio dos diários. Se etimologicamente 'diário' deriva seu significado da palavra *diarium*, que quer dizer 'ração diária', no diário de Florbela esse significado é de tal forma diluído que se torna difícil a sua recuperação.

*Diário do último ano*, como o próprio título indica, foi escrito ao longo do último ano de vida da autora, que se matou na noite do seu aniversário, dia sete de dezembro de 1930. Inicia-se no dia onze de janeiro e tem como último registro o dia dois de dezembro. Mas o texto não segue a estrutura de um diário convencional, não há uma cronologia rígida e, muitas vezes, as anotações se iniciam nos últimos dias do mês, dias inteiros são saltados ou, como é o caso de junho, o mês inteiro é suprimido, não havendo nenhum

registro. E, se sob o ponto de vista estrutural o diário de Florbela é singular, não o é menos sob o ponto de vista do conteúdo. Nada do ordinário da vida, do banal ou do cotidiano é nele narrado. Raras são as passagens das quais se pode deprender alguma descrição do real, da vida empírica da autora, como na rápida referência ao seu físico, descrita no dia vinte e oito de fevereiro: “Estou tão magrital!”<sup>1</sup>.

Os fatos são deixados de lado para que se narre uma outra instância: a instância subjetiva do “eu”. Um “eu” que inicia seu monólogo afirmando que não escreve nem para si nem para ninguém e que não tem “pretensões de estilo” mas que, ao final, revela-se um “eu” que busca exatamente isto: um estilo, o seu *próprio* estilo e, mais que isso, uma forma de mostrá-lo, exibí-lo, pois, do contrário, o *Diário* não teria sido escrito. Esse “eu” que descreve a si mesmo como um “ser misterioso, intangível, secreto” é, na verdade, um *poseur* que quer mostrar-se, revelar-se, que *deseja* mostrar-se. Para se fazer ver, esse “sujecito fazedor de pose” lança mão de um mecanismo eficiente: através da temática da melancolia, faz de si a própria figura do melancólico, aquele que recorda o passado e que quer, a todo custo, reter a sua passagem. Valendo-se da figura do melancólico e da temática da morte, esse “eu” presente no *Diário* faz-se o centro de todas as atenções e enuncia-se: “sinto-me passar com a consciência nítida dos minutos que passam e dos que se vão seguir. Como compreender a amargura desta amargura?”<sup>2</sup>. Ou ainda, numa concepção típica do melancólico que vê a morte como único meio possível de felicidade: “Como não compreendeu ela que o único remate possível à cúpula do seu maravilhoso palácio de quimeras, de ambição, de amor, de glória, poderia apenas ser realizado, por essas linhas serenas, puríssimas, indecifráveis, que só a morte sabe esculpir?”<sup>3</sup>.

A morte, a melancolia e o tédio são os pilares sobre os quais Florbela alicerça seu diário. E a morte, seja o que for que ela trouxe consigo será, para esse “eu”, sempre melhor que a vida: “Mas o que importa o que está para além? Seja o que for será melhor que o mundo! Tudo será melhor do que esta vida!”<sup>4</sup>. A morte que roubou-lhe o irmão querido, Apeles, e o afundou

---

<sup>1</sup> ESPANCA. 1981. p. 51.

<sup>2</sup> Ibidem. p. 33.

<sup>3</sup> Ibidem. p. 43-45.

<sup>4</sup> Ibidem. p. 59.

nas águas do Tejo. O irmão ausente está presente no *Diário* e talvez seja por isso, por não estar mais o irmão nessa vida, que Florbela declara, reiteradas vezes, sua predileção pela morte, pelo lugar onde o irmão está: “Que importa o desalento da vida se há a morte?”<sup>5</sup>. A frase final do seu diário, o último registro dessa alma desesperançada, pode ser uma referência ao “amigo morto”, como Florbela costumava chamar o irmão, irmão cujos gestos e palavras ela não pode mais compartilhar: “E não haver gestos novos nem palavras novas!”<sup>6</sup>.

Uma certa poética das cores e da luz pode ser apreendida através da junção das várias imagens sinestésicas que a autora descreve: “Acendo um cigarro... e o fumo, dum cinzento-azulado, eleva-se, quase a direito, até ao tecto, todo pintalgado duma bizarra folhagem roxa, e de exóticas rosas em dois tons de alaranjado, [...] andorinhas todas brancas, lírios roxos feitos de finos crepes *georgette*, camélias vestidas de duras sedas pálidas”<sup>7</sup>. Folhagem *roxa*, lírio *roxo*: imagens sinestésicas compostas por cores que apontam para a *morte*. Um diário de cores e contradições. Contradições previamente anunciadas se nos lembrarmos que Florbela, desde o início, declarara-se portadora de um “espírito paradoxal”, contraditório.

Na esteira dessa contradição e desse paradoxo temos, no registro inicial que inaugura o diário, um “eu” que admite a impossibilidade de conhecer-se: “Compreendi, por fim, que nada compreendi, que mesmo nada poderia ter compreendido de mim”<sup>8</sup>. Um “eu” condizente com a concepção que Maurice Blanchot tem em relação à escrita do diário íntimo. Para Blanchot, o sujeito que se debruça sobre papéis com o intuito de relatar a sua vida e, com isso, conhecer-se melhor, deixou-se seduzir pela armadilha do diário: o sujeito nada sabe de si e a escrita em nada poderá auxiliá-lo na busca desse autoconhecimento. Mas esse “eu” que anuncia estar ciente da impossibilidade de conhecer a si próprio afirma, logo em seguida, num movimento contrário e contraditório, conhecer-se: “Se os outros me não conhecem, *eu conheço-me*, e tenho orgulho, um incomensurável orgulho de mim!”<sup>9</sup>.

---

<sup>5</sup> ESPANCA. 1981. p. 49.

<sup>6</sup> Ibidem. p. 61.

<sup>7</sup> Ibidem. p. 37.

<sup>8</sup> Ibidem. p. 33.

<sup>9</sup> Ibidem. p. 57.

Mais que uma constatação, esse “eu” exprime uma categórica afirmação do conhecimento e do saber que tem de si, afirmação essa que é tanto mais contundente – e, por conseguinte, tanto mais contraditória em relação à declaração inicial – se atentarmos para a ênfase dada à frase “*eu conheço-me*”, seguida, por fim, não de um quase indiferente ponto final, mas de um significativo sinal gráfico de exclamação. Um “eu” que vai de Blanchot a Foucault ao passar de uma concepção estéril e intransitiva da escrita e de um sujeito que não possui modos de saber de si a uma visão de sujeito capaz de conhecer-se e que concebe a escrita como um modo possível e eficiente de chegar a esse conhecimento.

Um “eu” de enunciação exacerbada e que adquire, não raras vezes, nuances de um narciso. Narcisismo exagerado que o leva a trazer para si o epíteto de “Napoleão de saias”. Narcisismo que a própria Florbela admite ao dizer-se “atacada de delírio de grandezas”: “Que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se *EU* sou *EU*? Que importa o desalento da vida se há a morte? Com tantas riquezas, porque sentir-me pobre? E os meus versos e a minha alma, e os meus sonhos, e os montes e as rosas e a canção dos sapos nas ervas húmidas e a minha charneca alentejana e os olivais vestidos de Gata Borradeira e o assombro dos crepúsculos e o murmúrio das noites... então isto não é nada? Napoleão de saias, que impérios desejas? Que mundos queres conquistar? Estás, decididamente, atacada de delírio de grandezas!...”<sup>10</sup>.

Em outra passagem – imagem condensada da contradição que envolve esse “eu” –, Florbela, que em certos momentos imagina-se uma “princesinha” sentada sobre um tapete e capaz de, através da imaginação, regressar à infância e escapar da monotonia da vida, criando para si um outro mundo onde houvesse “brinquedos maiores, mais belos e mais sólidos”, descreve-se, em seguida, numa espécie de “narcisismo às avessas”, como um pássaro pequeno, frágil e nada imponente: a Bela converte-se em Fera e já não se vêem mais os delírios de grandeza de antes. O “eu” que afirmava estar acima da mediocridade do mundo e apto a conquistar mundos outros lança a pergunta sobre si: “A águia, será uma águia a valer ou simplesmente um milhafre?”<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> ESPANCA. 1981. p. 49.

<sup>11</sup> Ibidem. p. 57.

A resposta é uma constatação resignada desse “espírito contraditório” que ora se engrandece, ora se anula: “Era simplesmente um milhafre...”<sup>12</sup>.

Mas, se todos esses elementos e aspectos do *Diário* de Florbela nos obrigam a indagar se seria ele de fato um diário, não há como negar que o “eu” nele presente, com a sua “sinceridade fingida”, lança-nos a pergunta que deve perpassar toda e qualquer escrita autobiográfica, dentre a qual o diário íntimo se inclui: o que é, afinal, a realidade? Diário ou não, a pergunta é lançada em meio à escrita sinestésica, exacerbada e sobretudo poética da autora.

## Referências bibliográficas

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

ESPANCA, Florbela. *Diário do último ano*. [s.l.]: Bertrand, SARL., 1981.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor*. Lisboa: Edições 70, [s.d.].

---

<sup>12</sup> ESPANCA. 1981. p. 59.